

## VIVÊNCIAS E APRENDIZADOS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Área: Humanas, Letras e Artes

Nadiane Feldkercher<sup>1</sup>, Ana Clara Istchuk<sup>2</sup>, Eloisa Berlezi Favato<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Prof. Depto de Teoria e Prática da Educação - DTP/UEM. E-mail:

[nfeldkercher@uem.br](mailto:nfeldkercher@uem.br).

<sup>2</sup>Acadêmica de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá. E-mail:

[ra128229@uem.br](mailto:ra128229@uem.br).

<sup>3</sup>Acadêmica de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá. E-mail:

[ra129350@uem.br](mailto:ra129350@uem.br).

**Resumo.** *O Estágio Curricular Supervisionado na Educação Infantil I, componente do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá, consolida-se como uma valiosa oportunidade de vivenciar a relação entre teoria e prática, de inserção no contexto escolar, de convivência com as crianças e de aprendizado no processo de formação docente. Neste texto objetivamos apresentar as experiências do estágio, que ocorreu em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) do município de Maringá, e referenciar autores do campo da Educação Infantil. As visitas à instituição de ensino eram semanais e ocorreram no período de junho a agosto de 2024, foram realizadas observações participativas em sala, entrevista com a supervisora do local e execução de duas intervenções pedagógicas.*

**Palavras-chave:** *Estágio. Educação infantil. Formação docente.*

### 1. A Experiência do Estágio

O estágio foi realizado em um CMEI do município de Maringá, o qual está em exercício desde a década de 1980, como uma unidade de atendimento à criança e, a partir de 2002, como Centro Municipal de Educação Infantil. A instituição possui 11 turmas, segmentadas entre Infantil 0 a 5, e há 275 crianças matriculadas. O local conta com ambientes amplos e de fácil acesso para todos, interligados por meio de rampas, como o refeitório, as salas para as turmas e equipe pedagógica, os banheiros, a miniquadra, os pátios e parque, todos adaptados para atender as necessidades das crianças e na altura adequada

Na sala onde realizamos o estágio, Infantil 1B, observamos um ambiente que não consideramos acolhedor para crianças. As paredes e o mobiliário eram da cor bege, deixando um aspecto sério e até mesmo triste no local. Os elementos lúdicos e decorativos que foram colados na parede estavam posicionados acima do campo de visão das crianças, portanto, sem que cumprissem seu propósito de vivificar o ambiente para elas, uma vez que “[...] os espaços precisam ser criados considerando a ótica das

crianças, convidando-as a entrar e despertando o desejo de permanecer no local” (Dominico; Lira, 2022, p. 310). Além disso, contava com um solário, que apesar de amplo e grande, não era muito utilizado por não ser limpo com frequência.

Em relação à turma do Infantil 1B, 24 crianças estão matriculadas, que se mostraram participativas e ativas desde o início das observações. Algumas crianças apenas engatinhavam e balbuciavam e a evolução delas foi nítida no decorrer do estágio, passaram a andar sem apoio e a falar várias palavras do cotidiano, por exemplo.

Na sala atuam 4 profissionais, sendo elas a educadora V e as cuidadoras E, F e G. A educadora V é formada no Magistério e está cursando Pedagogia. Observando seu perfil, percebemos o quanto é respeitosa e amorosa com as crianças e com as outras profissionais que atuam na sala. Consideramos suas práticas eficazes em relação ao desenvolvimento das crianças e suas propostas assertivas, por possuírem linha de raciocínio demarcada e serem adequadas à turma. G, tem formação em Pedagogia e F está cursando Serviço Social, ambas atuam como cuidadoras no CMEI. As duas sempre demonstraram afeto, respeito, não faziam distinção entre nenhuma criança, e além disso, contribuíam nas atividades propostas pela educadora. Já a cuidadora E, que também tem formação no Magistério, tinha um perfil mais autoritário e duro, demonstrando carinho e respeito somente com as crianças que ela tem preferência. Dela ouvimos muitas falas que consideramos desrespeitosas, observamos ela puxar o braço das crianças de forma brusca e colocar o celular com vídeos infantis no YouTube para manter a turma quieta, enfatizando o seu perfil desapropriado.

Durante nossas observações participativas, conhecemos a rotina das crianças dentro de sala. A entrada vai até as 8 horas, seguida do café da manhã ofertado pela instituição, a roda de músicas e a chamada com crachás. Na sequência, havia a aplicação da atividade estimulatória planejada para o dia e, após isso, as crianças tinham um momento de brincar com materiais disponibilizados pelo CMEI, como instrumentos musicais, blocos de encaixar e aramados. Logo após, as profissionais organizavam o momento de almoço, colocando os babadores, direcionando as crianças ao corredor, colocando-as nas aquarelas e cadeiras de alimentação e entregando o prato à elas. Enquanto isso, a sala era organizada por uma das profissionais com a disposição de colchões para a hora do sono, que vinha em seguida.

Segundo Pereira (2018), as experiências vivenciadas pelas crianças acabam sendo submetidas aos horários fixos das instituições, estabelecidos pelos adultos. Por isso, há um aligeiramento das práticas, que desrespeita o tempo que as crianças necessitam para a realização das atividades. Pudemos identificar a veracidade desse pensamento no cotidiano do CMEI. Muitas vezes, as cuidadoras não esperavam as crianças obedecerem aos comandos da educadora e as puxavam ou faziam o que foi proposto no lugar delas, também as impediam de tentarem comer sozinhas para agilizar o tempo de almoço e as colocavam de forma brusca sobre os colchões quando não deitavam imediatamente ao voltar à sala.

Para Lima (2020), o planejamento é uma reflexão acerca de opções e ações, sobre o que devemos realizar no trabalho pedagógico, que tem por elementos essenciais objetivos, conteúdos e métodos. Para o planejamento de nossas intervenções

pedagógicas, definimos como campo de experiência “traços, sons, cores e formas”, da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Estipulamos como objetivo geral utilizar materiais variados com possibilidades de manipulação, explorando diferentes cores, texturas e tamanhos. Assim, as atividades do primeiro dia foram organizadas para possibilitar a manipulação de pedrinhas, folhas, flores, galhos e algodão, com texturas: lisas, ásperas, macias e outras, como proposto no Currículo da Secretaria de Educação (SEDUC) de Maringá para essa faixa etária. Já no segundo dia, utilizamos a sugestão da educadora e definimos nossos objetivos em consonância com o projeto “Brasileirinhos” da SEDUC Maringá. Estavam voltados ao conhecimento de obras de arte de uma artista que representa a cultura brasileira, Tarsila do Amaral, e à produção de releitura de uma obra de arte, feita com carimbos de elementos da natureza. Em ambos os dias, objetivamos desenvolver a escuta, a linguagem oral, a imaginação e a atenção a partir da apreciação de músicas e, no primeiro dia, com a leitura de literatura infantil. Buscamos também manter a rotina das crianças e, principalmente, adequar as atividades para a idade delas, para que ficassem lúdicas e interessantes, a fim de incentivar a participação e contribuir para o processo de aprendizagem.

Nos dias de execução das atividades planejadas, acolhemos as crianças com músicas, direcionamos a rotina da sala dando os comandos necessários para elas tomarem o café da manhã, sentarem em roda, irem almoçar e deitar. Deixamos previamente definidos os momentos de condução que teríamos, para que ambas estivéssemos à frente de atividades nestes dias. Modificamos alguns elementos rotineiros com o intuito de aprimorar o que havíamos observado em sala e obtivemos o resultado esperado. Trocamos o formato de organização da chamada, por exemplo, e todas as crianças participaram da atividade, o que não havia ocorrido em nenhum outro dia que estivemos presentes no CMEI. Lima (2020, p.113) afirma que o professor, na construção dos planejamentos, precisa “[...] avaliar o grau de ensino em que atua, as características das crianças e utilizar, ainda, da criatividade para adaptá-los à sua situação pedagógica”. No exemplo citado, os resultados da mudança na condução comprovam essa afirmação, o que contribui para o planejamento de nossas práticas como futuras profissionais da educação.

No dia 8 de agosto, na nossa primeira intervenção pedagógica, todas as crianças ouviram atentamente a leitura da história infantil “O que é que tem naquela mata?”, da autora Bia Vilela, mantiveram-se sentadas em roda para mostrarmos os elementos naturais, presentes na caixa surpresa, que havíamos coletado e se divertiram explorando suas diferentes texturas. No entanto, o tempo programado para a realização das atividades foi extenso em relação ao tempo de concentração das crianças. Outra dificuldade encontrada foi a chuva, que nos forçou a adaptar nossos planos, em vista que impossibilitou o uso dos brinquedos no solário. Em resposta a essa limitação, pegamos uma das caixas de brinquedos disponíveis na sala e os distribuímos para as crianças brincarem, enquanto nós interagimos com elas.

Na segunda intervenção, dia 29 de agosto, uma de nós apresentou às crianças as obras de arte “A Cuca”, “Postcard” e “Manacá” da artista brasileira Tarsila do Amaral e, simultaneamente, a outra organizou o ambiente para a realização da próxima atividade.

Nesse momento, a atenção das crianças se desviou para o movimento da disposição dos materiais, ao invés de prestarem atenção no que estava sendo exposto, o que prejudicou na concretização de um dos objetivos preestabelecidos. Quando finalizada, voltamos com a caixa surpresa utilizada no primeiro dia de intervenção, dessa vez com os carimbos confeccionados com tampinhas de garrafa pet e elementos da natureza como folhas, flores e gravetos. Distribuímos as crianças em dois grupos, demos uma folha de papel para cada e oferecemos dois pratos com tinta colorida para que carimbassem o papel. Observamos que todas as crianças realizaram corretamente o movimento de carimbar, mas encontraram dificuldades em manter a continuidade da ação, espalhando a tinta pela folha. Apesar desse desafio, fomos bem-sucedidas em manter a atenção das crianças durante essa atividade, conforme o planejado.

Em ambas as intervenções, conseguimos proporcionar uma experiência educativa às crianças, a qual contribuiu para o desenvolvimento da destreza psicomotora e acuidade perceptiva e sensorial. Essas habilidades compõem os conteúdos de formação operacional, que “[...] compreendem os saberes interdisciplinares que devem estar sob domínio do professor e subjacentes às atividades disponibilizadas aos alunos” (Martins, 2012, p.95). Percebemos a presença desses conteúdos na realização da atividade de exploração de texturas dos elementos da natureza, quanto à percepção tátil, e na construção da releitura da obra de arte, pela pega correta dos carimbos e movimento realizado para carimbar a folha.

Sendo assim, o estágio no CMEI foi uma experiência fundamental para nossa formação como futuras pedagogas que poderão atuar na Educação Infantil. Percebemos a necessidade de utilizar os recursos adequados à criança, planejar todas as atividades, ser criativa nas abordagens e flexível na execução das práticas.

## 2. Referências

- DOMINICO, Eliane; LIRA, Aliandra Cristina Mesomo. Espaços e Ambientes na Educação Infantil: a Organização Promove Envolvimento? **Revista Ensino**, v. 23, n. 2, 2022, p. 309-316.
- LIMA, Maria Socorro Martins. Planejamento, didática e avaliação na Educação Infantil na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural. In: VIEIRA, Débora Cristina Sales da Cruz; FARIAS, Rhaisa Naiade Pael; MIRANDA, Simão de (orgs.). **Educação Infantil na Perspectiva Histórico-Cultural: concepções e práticas para o desenvolvimento integral da criança**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. p. 92-118.
- MARTINS, Lígia Márcia. O ensino e o desenvolvimento da criança de zero a três anos. ARCE, Alessandra; Martins, Lígia M.(org.). **Ensinando aos Pequenos: de zero a três anos**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2012. p. 93-121.
- PEREIRA, Marcelo Campos. O tempo dos bebês na Educação Infantil. In: SILVA, José Ricardo et al. (orgs.). **Educação de bebês: cuidar e educar para o desenvolvimento humano**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018, p. 143-165.